

UNAMA – UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA
CURSO DE LETRAS

INGRID DE ASSIS CARVALHO FERRO E SILVA

ATEMPORALIDADE EM
CECÍLIA MEIRELES E FLORBELA ESPANCA

BELÉM-PARÁ

2001

UNAMA – UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA
CURSO DE LETRAS

INGRID DE ASSIS CARVALHO FERRO E SILVA

A TEMPORALIDADE EM
CECÍLIA MEIRELES E FLORBELA ESPANCA

Trabalho de graduação apresentado ao Curso de Letras e Artes da Universidade da Amazônia, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena, orientado pela professora mestra Nelly Cecília Paiva Barreto da Rocha.

BELÉM-PARÁ

2001

UNAMA – UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA
CURSO DE LETRAS.

INGRID DE ASSIS CARVALHO FERRO E SILVA

A TEMPORALIDADE EM
CECÍLIA MEIRELES E FLORBELA ESPANCA

Trabalho de graduação apresentado ao Curso de Letras e Artes da Universidade da Amazônia, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena, orientado pela professora mestra Nelly Cecília Paiva Barreto da Rocha.

Comissão Julgadora:

AGRADECIMENTOS

A alegria deste momento, em que encerro meu **Trabalho de Conclusão de Curso**, quero expressar meus mais profundos agradecimentos, em primeiro lugar, a Deus, que tem me acompanhado e abençoado durante toda a minha jornada de vida; aos meus pais e irmãos, que acompanharam os meus passos e, junto a mim, lutaram por mais esta vitória; aos meus familiares pelo apoio contínuo; agradeço, por aqueles que, inúmeras vezes, receberam –me de braços abertos para mais um dia de pesquisas, de digitações, de preparação à conclusão deste Trabalho. Obrigada à família Marques e à grande amiga e mestra Nelly Cecília Paiva Barreto da Rocha.

“Pois todos os nossos dias se
passam acabam-se os nossos anos
como um breve pensamento”.

Salmo 90:9

SUMÁRIO

Introdução.....	pág. 1 / 2
Cecília Meireles, em Prosa	pág. 3 / 6
Florbelas Espanca, em Prosa	pág. 7 / 9
Poema Cecília Meireles	pág. 10
Cecília Meireles e Florbelas Espanca, em Poesia	pág. 11 / 29
Conclusão	pág. 30 / 31
Referências Bibliográficas	pág. 32 / 33

INTRODUÇÃO

Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901- 1964) e Florbela de Alma da Conceição Espanca (1894 - 1930) contemplaram a mais sublime arte da palavra: a poesia. Como muitos artífices, elas souberam trabalhar papéis brancos e palavras soltas, a tessitura certa para cantar a vida e revelar o que se ia no mais profundo íntimo de suas almas, acalentadas pelo silêncio e pela solidão do mundo.

Essas Poetas abriram suas vidas, o diário íntimo de seus instantes onde palpitavam suas ânsias, seus prazeres, suas constantes lutas pela vida.

Aqui, rompe-se a linha do tempo, ultrapassa-se as épocas e unem-se os cantos poéticos de Cecília e Florbela em um só fio, o fio vivificador da vida, que faz com que a voz destas damas e mestras da arte poética, se reproduza e seja ouvida por aqueles que procuram a Poesia.

Em cada poema encontra-se o mais puro sentimento, a feminilidade de duas mulheres que souberam viver, em meio às grandes perdas e lutas diárias, transformando suas dores em dons poéticos.

Cecília e Florbela não se integram, somente, a um único e breve instante. Suas vozes quebraram os limites do espaço temporal. Por isso, fizeram-se atemporais.

Neste Trabalho, comparam-se alguns textos das duas Poetas da Literatura Brasileira e Portuguesa, com o intuito de mostrar como é trabalhada a transitoriedade da vida, o significado do tempo, a efemeridade de cada minuto de existência.

Divide-se, assim, em duas partes :

I. a primeira, “Cecília Meireles e Florbela Espanca em Prosa” corresponde a um breve relato de suas vidas. Momentos que influenciaram suas caminhadas enquanto poetisas;

II. a Segunda parte “Cecília Meireles em poesia” e “Florbela Espanca em poesia” corresponde ao desenvolvimento do tema. A preocupação temporal e o que as faz atemporais.

Que o tempo alie-se a nós na busca, incessante, pela poesia.

CECÍLIA MEIRELES, EM PROSA.

Cecília Benevides de Carvalho Meireles é, para nós, leitores, a inesquecível voz feminina da Língua Portuguesa, na Literatura Brasileira. Nascida no Rio de Janeiro, em 1901, tornou-se a nossa maior expressão literária.

Filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles (que faleceu três meses antes de a filha nascer) e Matilde de Benevides (falecida quando Cecília tinha apenas três anos), Cecília Meireles foi criada pela avó, Jacinta Garcia Benevides. A religiosidade da avó fez com que a menina, desde cedo, vivesse em ambiente de espiritualidade e misticismo. Os seus três irmãos (Vítor, Carlos e Carmem) morreram antes de ela nascer. Assim, a sua infância de menina sozinha proporcionou-lhe duas coisas que parecem negativas para algumas pessoas, mas que foram positivas para Cecília: silêncio e solidão”. (Rocha, 1978).

Em meio a tantas saudades que se fizeram presentes durante toda a vida de Cecília, a cada passo dado por ela durante o seu caminhar, fazia destas dolorosas faltas

uma maneira mais forte e mais verdadeira de cantar a vida. E a Poeta cantou minuto por minuto de sua existência. Cantou o mundo e cada parte que o compõe, cantou os homens com suas ânsias de tristeza e de felicidade, cantou o tempo para que todos soubessem que tudo passa e que o homem é um ser inconstante, passageiro.

Esses falecimentos deram a Cecília uma tal intimidade com a morte, que, “docemente ela aprendeu essas relações entre o efêmero e o eterno que, para outros, constituem aprendizagem dolorosa e, por vezes, cheia de violência”. (Rocha, 1978).

A Poesia ofereceu à Cecília uma maneira nova de viver. Abriu as portas de um mundo que uniu o real ao imaginário, que busca encontrar as soluções, construindo um todo de palavras, pois lá, no seu texto, há soluções para a vida. Lá estão registradas as vontades, os sonhos, as lutas, as dores, cada momento que um poeta vislumbra em sua vida. Lá – “no reino das palavras” ela sempre encontrou a paz.

A Poeta pertenceu à segunda geração do Modernismo, no Brasil (1930 – 1945). E, como se sabe, nesse período literário há o amadurecimento da obra de outros autores da primeira fase (1922 – 1930), que ainda continuavam, e a reflexão sobre o destino do ser humano como uma preocupação constante.

O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs, é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: o direito, permanente, à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira e estabilização de uma consciência criadora nacional se, de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que me causa, que os outros não sentem assim à beira do caminho, espiando

a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios, mas não fiquem apenas nisto, espíões da vida, camuflados em técnicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões”. (Andrade).

Cabe, aqui, lembrar que Cecília Meireles não se limita (quando escreve) a um único momento da nossa Literatura. Nela encontram-se características de quase todas as épocas literárias, desde o grande dilema presente no Barroco até a liberdade de expressão que trouxe o Modernismo.

Sempre vista como uma poeta simbolista, Cecília Meireles foi discriminada pela crítica da época, por não adotar as inovações do Movimento Simbolista. É considerada a grande dama da poesia moderna brasileira. Como convém a uma grande dama, jamais cometeu excessos de nenhuma espécie. Tem humor - coisa que Dona Cecília raramente tem - e uma poesia voltada para o cotidiano. E uma variedade de temas que a autora de **Romanceiro da Inconfidência**, em que pese a afirmação de seu maior estudioso, o poeta Darcy Damasceno, tende a reduzir a uma só: a fugacidade da vida (“mola mestra do lirismo ceciliano”, no dizer do poeta”). (Lamego, 1996).

Cecília soube como uma grande artista e artífice do mais puro trabalho: a palavra, substituir a dor, a mágoa, os anseios, as perdas e saudades pela simples vontade de viver e cantar o instante, usando de sua melodia para atrair os homens.

Cecília Meireles sempre fez da leitura uma maneira bela de viver, “na verdade, desde que aprendi a ler - e nisso fui um pouco precoce – li tudo o que estava ao alcance da minha mão. Lembro-me que os livros ilustrados me interessavam muito. Além da Literatura, os livros também me interessavam como “objetos”, pelo seu aspecto gráfico, sua encadernação, beiras douradas, etc. Quando eu não sabia ler, brincava com os livros e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo”. A Poeta sempre cantou o belo e encantou o mundo das letras, fazendo de suas palavras uma combinação harmoniosa e perfeita entre o real e o fantástico. E é através desta combinação que nós, leitores, somos convidados a ver o espetáculo da vida.

Cecília, desde sua infância, via coisas que ninguém entendia. As visões de Cecília eram encantadas porque seu mundo - e, lá, ela vivia sozinha - era mágico.

“Cecília Meireles faleceu às quinze horas de segunda-feira, 9 de novembro de 1964, os poemas de Cecília chegaram à perfeição absoluta”. (Rocha, 1978).

E ainda pairam no ar como uma eterna melodia.

FLORBELA ESPANCA, EM PROSA

Florbela de Alma da Conceição Espanca nasceu em 08 de dezembro de 1894, em Vila Viçosa. Sua mãe, Antónia da Conceição Lobo, sente as dores do parto. Nasce uma flor. Porém, este nascimento não foi motivo de alegria para aquele lar. Não há, assim, lugar ao habitual regozijo de tais momentos. Não parece ter sido desejada por qualquer das partes. É batizada como filha de pais incógnitos. É-lhe posto o nome de Flor Bela de Alma da Conceição. Na Literatura Portuguesa será chamada Florbela Espanca. “Aquele que é considerada a maior figura da poesia portuguesa. Pertenceu à geração simbolista (1890 – 1915), traduzindo insatisfação, frustração emocional. A sua poesia é toda ânsia de felicidade, de plena realização feminina, busca de eterno e infinito, de absoluto”. Luft.

Florbela ousou mostrar ao mundo suas lutas, os conflitos diários com seu próprio eu. Um eu-feminino em meio ao mundo, em busca de uma só razão para viver, um amor intenso que a fizesse lutar e vencer, caminhar e chegar a algum lugar.

“Poetisa da linhagem dos grandes torturados da época do Simbolismo (Antonio Nobre, Camilo Peçanha, Sá-Carneiro), Florbela apareceu tardiamente, pois, na altura de 1920, chegou ao fim a geração a que se filiara; e só depois de sua morte, começou a crítica mais autorizada a valorizá-la como uma das maiores figuras da poesia portuguesa. Em sua obra,

relativamente pequena, está a confissão da pungente dor de quem ansiou sempre, mas em vão, pela felicidade”. (Amora, 1969).

Florbela por três vezes foi casada. Alberto Moutinho, Antonio Guimarães e Mário Lage foram seus maridos. Mesmo na tentativa de se sentir uma mulher plena, feliz, tentou buscar, sem nunca encontrar, o verdadeiro amor e a plena felicidade de viver. Sua personalidade foi sempre marcada por conflitos matrimoniais e pela prematura morte de seu irmão Apeles Espanca. Estas tão sofridas e amarguradas marcas, estão expressas em toda a sua obra.

“Os sonetos de Florbela são um ousado diário íntimo, onde palpitam as ânsias de uma mulher ardente, a chamar pelas carícias de um amor impossível. O caudal dessa insatisfação veio desembocar na trágica madrugada de seu trigésimo sexto aniversário, quando a bela e carnal alentejana se calou para sempre, após uma dose excessiva de Veronal”. (Faraco, Pocket).

Suas poesia é marcada de dor e ânsia de felicidade. Suas palavras refletem a dura insatisfação pela vida. Florbela buscou em todos os cantos de seu pensamento viver um amor absoluto, um sentimento sublime que transforma feridas profundas em deleitosos momentos. Essa constante busca fez de Florbela um alguém triste e incompleto. A busca incessante deste amor absoluto está registrada na eterna melodia de suas poesias e na própria razão de viver.

“A dor é, nos escritos de Florbela Espanca, tanto em prosa como em verso, um dos ingredientes mais íntimos e de certeza, uma recorrência muito poderosa, o *leitmotiv*, o mais tocante. É componente patético de sua própria vida”. (Farra, 1998).

Florbela vive no silêncio da dor. A dor que a fez viver e escrever, sentir o mundo, contá-lo e cantá-lo. A dor da vida de Florbela é o que a impulsiona, é a obra prima de suas poesias. E, mesmo depois de sua morte, mergulhada no silêncio profundo do sonho,

sua voz ainda é ouvida e contemplada, sua arte é perpétua e, como perpétua, se faz presente a todo instante.

Com reflexões de paixão, alma, amor, saudades e vários outros temas deles derivados, quase sempre em forma de sonetos. A Florbela poetisa, não se distancia de sua condição de mulher, com as suas paixões e sua maneira de ser, e as contradições e preconceitos próprios de sua época conservadora.

O amor foi o maior dos seus temas, mas a solidão e a tristeza também estão presentes, assim como a evocação da morte, que foi uma constante em seus últimos trabalhos poéticos.

Versos imprimidos de “toda a ternura, todo o sentimento de uma alma de mulher”, “verdadeiro mimo”, dizem os seus críticos e os seus leitores, desde as últimas décadas do século XX, visto que vacilando entre a moral e o preconceito e a beleza própria do poema, a poesia de Florbela teve um “frio acolhimento” durante a sua vida.

A escritora Maria Lúcia Dal Farra ao “salientar”, em seus estudos, a incompreensão recebida por Florbela, em vida, estabeleceu e confirmou, via reconstituição, todas as vicissitudes da mulher e da poeta, daquela vida enfim guiada pela angústia existencial”. (<http://www.secrel.com.br/poesia/geran>). Os poemas de Florbela – muitos deles – vacilavam entre a moral etc.

A busca incessante por um amor absoluto fez de Florbela uma mulher única; fez de suas palavras a doce maneira de viver e lutar por um sentimento sublime que torna o homem um ser perfeito.

“Ainda que eu fale a língua dos homens e dos anjos, se não tiver amor serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine” (I Coríntios 13).

“Aqui está minha vida
Esta areia tão clara com desenhos de
andar
Dedicados ao vento.
Aqui está minha voz,
Esta concha vazia, sombra de som
Curtindo seu próprio lamento.
Aqui está minha dor,
Este coral quebrado,
Sobrevivendo ao seu patético momento.
Aqui está minha herança,
Este mar solitário
Que de um lado era amor, e de outro,
esquecimento”.

Cecília Meireles

CECÍLIA MEIRELES E FLORBELA ESPANCA, EM POESIA

Cecília Meireles e Florbela Espanca deixam-se comparar pela busca constante de uma satisfação plena, da existência humana. Suas poesias tecem a valorização subjetiva e momentânea de cada hora da vida e estão envoltas numa penumbra melancólica, onde se ouve a voz da solidão. Assemelham-se, ainda, “pela preocupação com a presença do transitório como característica de suas poesias, constatando-se em ambas a problemática do tempo”. (Rocha, 1978).

Segundo Benedito Nunes, “o tempo é o elemento da narrativa, assim como é o elemento da vida”. (Nunes,1995).

Pode-se demonstrar que as duas poetisas em questão “compartilham” deste mesmo pensamento ao escreverem palavras que o tempo não levou, porque o próprio tempo se presentificou em cada palavra.

Diz Cecília Meireles, em seu poema “**Valsa**”:

Fez tanto luar que eu pensei nos teus olhos antigos
e nas tuas antigas palavras.
O vento trouxe de longe tantos lugares em que tivemos,
que tornei a viver contigo enquanto o vento passava.

Houve uma noite que cintilou sobre o teu rosto
e modelou tua voz entre as algas.
Eu moro, desde então, nas pedras frias que o céu protege
e estudo apenas o ar e a água.

Coitado de quem pôs sua esperança
nas praias fora do mundo . .

- Os ares fogem, viram-se as águas,
mesmo as pedras, com o tempo, mudam.

Percebem-se, aqui, três considerações sobre este “elemento da vida”: “a sensação de equilíbrio do eu-lírico (viver com o ser amado) é transitória, fugaz; a recordação do passado e a idéia de que todo mundo é instável”.

“A consideração das coisas resulta na consciência de que a vida é um fluxo constante e o tempo tudo corrói; a constatação da transitoriedade emerge como verme antecipador do podre que, um dia, há de ser o apetecível fruto da vida”. (Maireles, 1958).

“Em VALSA (que se associa à canção), o fugidio atinge os próprios seres inanimados (- os ares fogem, viram-se as águas/ mesmo as pedras, com o tempo mudam). E a equivalência dos bens transitórios, de frutos enganosos, faz-se presente através deste rematado reflexivo: Coitado de quem pôs sua esperança nas praias fora do mundo.. .” (Rocha, 1978).

O sentimento do tempo, portanto, é o motivo essencial do ato criador de Cecília.

O seu sentimento de eternidade (herança simbolista) revela-se na imagem e mostra a melancolia de Cecília face a impossibilidade de reter o fluir dos instantes. Cecília tem uma espécie de convicção de que o tempo é um fluir contínuo do eterno. (Rocha, 1978)

Cecília Maireles mergulha nas águas profundas do tempo. E apresenta, através de palavras, a realidade existencial do homem. Mostra-nos que , com o tempo, tudo acaba, tudo se desfaz. Nada é para sempre “ até as pedras com o tempo, mudam “. Tudo é mutável , tudo é passageiro. O próprio homem é um ser efêmero por si só.

As grandes e sofridas perdas causadas pelas duras mortes de parentes tão próximos mostraram à Cecília Maireles que nada é eterno, tudo é etéreo. O homem é um ser que se faz mutável a cada instante .E constata-se a presença da efemeridade da Vida através em cada poema por ela escrito.

“A imensidão do mar sublinha a pequenez, os limites do ser humano e, ao mesmo tempo, sugere mistério, idéias de infinito e de necessidade de abandono a uma lei maior que preside a vida.

Noite é um outro símbolo recorrente na poesia de Cecília Meireles, afeito a aludir as instâncias da obscuridade plena de mistérios, a viagens a dimensões metafísicas, intuídas por um Eu que quer encontrar nessas paragens um sentido maior, situado além da vida na matéria, para justificar a existência. Quando o tema de viagem ganha uma dimensão metafórica, tanto a imagem marítima quanto a noturna desenham uma atitude imaginativa que consiste em “captar as forças do devir”, exorcizando o conteúdo negativo da passagem e da morte, para transformá-las em conteúdos benéficos, já que vistas sob a ótica do eterno retorno de tudo ou da possibilidade de ser de outro modo e de outra instância.”(<http://victotian.fortunecity.com/statue/44/aviagemmetafisicanapoesia.htm>)

A certeza de que todos morrem e de que tudo passa se opõe a idéia de eternidade existencial. Porém, Cecília trabalhou, através do canto, relacionando as coisas do mundo com a fugacidade da vida e apresentou soluções para as inúmeras problemáticas da vida. Em sua poesia, Cecília Meireles revela-nos que a substância eterna não se rende ao tempo do mundo. A própria poesia eternizou a beleza de suas palavras, tecidas sobre o vento.

Em Florbela Espanca pode-se encontrar a mesma preocupação com este “elemento da vida” no poema “Eu”, de Florbela Espanca. Ei-lo:

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do sonho, e desta sorte
Sou a crucificada. . . a dolorida . . .

Sombra de névoa tênue, esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!

Sou aquela que passa e ninguém vê . . .
Sou a que chamam triste sem o ser . . .
Sou a que chora sem saber por quê . .

Sou talvez a visão que alguém sonhou
Alguém que veio ao mundo pra me ver
O que nunca na vida me encontrou!

Encontra-se no poema “EU” a constatação da transitoriedade. A dor de ser ou não ser.

Em Florbela, esta dor, arremessando a mulher ao sofrimento, aos abismos mais tenebrosos e solitários, aos sentimentos mais profundos e dilacerantes, ao lado mais sóbrio da sua existência. Por isso mesmo, a dor deve ser cultuada, preservada, vasculhada em toda a sua dimensão, fortalecida, uma vez que é nela que reside a resistência da mulher, aquilo que a diferencia do homem, trampolim capaz de converter em fortaleza a sua fraqueza. (Farra, 1998).

A poesia de Florbela retrata todos os anseios que prevaleceram em seu ser e em todas as suas poesias. A constante dor de não ter vivido um amor profundo que a tornasse um ser menos emblemático e mais completo.

Na poesia de Florbela, nota-se que a encarnação que lhe dá sustentação parece ser a de uma mulher que se concebe

emblemática de uma desgraça feminina exemplar, a erigida via sofrimento, a exilada da vida, a perdida, a rejeitada pela sociedade. Mas esse corpo assim magoado é que permite a escrita e a poesia, o que a faz poeta e feminina – e a dor se converte em penitência. (Farra, 1998).

As grandes insatisfações e perdas deram, também, à vida de Florbela, uma importante razão de cantar suas dores, que são hoje registradas em suas sublimes poesias. A dor da perda, pela morte de seu irmão Apeles Espanca, e por ter ela se casado três vezes e não haver sido feliz, são fatos que a fizeram ver a vida, quem sabe, com a grande certeza de que nada é para sempre.

Tem-se a imagem da mulher que vaga, sem rumo, pela vida, esperando ser encontrada.

Neste poema, constata-se que ela passa pela vida para ser vista, assim como existe, talvez, porque, algum dia, tenha sido sonhada por alguém. A realidade do Eu passa, portanto, pela fantasia do outro. Há a tensão entre identidade e alteridade, visível na estratégia especular de se traçar um auto-retrato tendo o Outro como referencial.

Torturada antológica e esteticamente, Florbela sonha ser a Poetisa eleita e percebe-se a andar perdida no mundo, pois que, na vida, não tem norte. Vivendo entre o anseio da noite e o sonho, habita um universo de exceção, única maneira de abalar a ordem convencional, espaço do real onde se visualiza como sombra de névoa tênue e esvaecida.

_Sombra, névoa, alma de luto, a invisível, uma visão sonhada por alguém. Assim se projeta o eu-poético. Talvez tenha de si, a imagem que “as terceiras pessoas” dela

elaboram. Sente-se, por isso, perdida, desnordeada, crucificada. Viver em estado de incompreensão, de invisibilidade, leva-a à sensação de marginalidade, de exclusão.

O eu percebe-se a partir desse olhar alheio, estranho. O emprego do déitico “aquela” acentua o afastamento entre o eu poético e o Sujeito em conflito com a alteridade social, onde se vê espelhada como sombra, alma de luto, aquela que passa e ninguém vê. . . o eu lírico desenha de si a imagem que os outros dela projetam: “Sou a que chamam triste sem o ser. . .” Incompreendida, percebe-se crucificada, não apenas em desacordo com o mundo, mas dele des-locada. Absolutamente fora do foco da visão socialmente padronizada, acaba por não ser encontrada nem mesmo por quem veio ao mundo para vê-la. Configura-se, por isso, etérea, vaga, marginal. Experimentando absoluta solidão, identifica-se como “cardo desprezado”, vivendo a dor de tantos desencontros: entre ser e o mundo; entre o eu e o tu – esse Alguém que não a encontra – onde poise a cabeça, onde se deite; entre a dor sentida na alma e a palavra que, em relação a poética do Outro, gostaria de criar, mas que reconhece incompatível com sua condição de mulher. Tal incompatibilidade encontra-se dolorosamente expressa.

Diante da excessiva vivência da dor, estigma de sua condição feminina que, por si já a marginalizaria, a poetisa do Alentejo espanta-se com o transbordamento de sua própria pena no processo de escrita, recusando, entretanto, imprimir-lhe as tintas de fingimento literário. Sinceramente sofredora, sobrecarrega de subjetividade sua pena poética e eleva-a ao estatuto de escrita insurrecta, paradigmática de enclausurada condição da palavra feminina, no universo da literatura portuguesa. (<http://victoria.fortunecity.com/statue/44/florbelaespanca>).

Florbela utilizou sua biografia para, ousadamente, desmascarar as mesmices, as hipocrisias de seu tempo. Suas revoltas foram apresentadas ao mundo através de seu canto poético. Essas revoltas no mostram que Florbela tem o ser amado como o livro de sua vida. Aquele que se constitui em poesia, é a sua grande busca. E é, também, através de sua poesia, que Florbela vai em busca de sua identidade.

A vida de Florbela fez-se renúncia. Sua poesia foi maior do que ela mesma. Em seu poema "EU", por exemplo, ela procura saber quem é realmente. Está ocultada pela solidão, pelas perdas, pelas lutas. Busca sua identidade perdida. Talvez, por seu destino obscuro, com decepções dolorosas para ela, a própria Poeta se renegue, se desconheça, se procure.

Serenata

Permite que eu feche os meus olhos,
pois é muito longe e tão tarde!
Pensei que era apenas demora,
E cantando pus-se a esperar-te.

Permite que agora emudeça;
Que me conforme em ser sozinha.
Há uma doce luz no silêncio
E a dor é de origem divina.

Permite que volte o meu rosto
Para um céu maior que este mundo,
E aprenda a ser dócil no sonho
Como as estrelas no seu rumo.

Tortura

Tirar dentro do peito a Emoção,
A lúcida verdade, o Sentimento !
E ser, depois de vir do coração,
Um punhado de cinza esperso no vento!

Sonhar um verso d'alto pensamento
E puro como um ritmo d'oração !
E ser, depois de vir do coração
O pó, o nada, o sonho dum momento !.

São assim ocos, rudes, os meus versos :
Rimas perdidas, vendavais dispersos,
Com que eu iludo, com que minto !

Quem me dera encontrar o verso puro,
O verso altivo e forte, estranho e duro
Que dissesse, a chorar, isto que sinto ! !

Florabela Espanca.
Cecília levita, como um puro
espírito. . Por isso, ela se move,
“viaja”, sonha com navios, com

nuvens, com coisas errantes e etéreas, móveis e espectrais, transformando em pura poesia essa caminhada. Uma das excepcionalidades de Cecília Meireles: a composição de uma poesia densamente feminina, não apenas a poesia feita por alguém que é mulher, mas obra de mulher, de um sem número de perspectivas sobre as coisas que os homens não teriam, poesia na qual uma das grandes forças é delicadeza, e delicadeza de poeta, que transfigura a vida em canto (Ana Cristina César

<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/cecilia/cecilia.htm>).

E sobre esta grande e inesquecível Poeta, escreveu Manuel Bandeira:

“Improviso”

“Cecília, és tão forte e tão frágil. Como a onda ao termo da luta.
Mas a onda é água que afoga: Tu, não, és enxuta”.

Mais uma vez, constata-se a presença do transitório, do fugaz, como elementos que fundamentam as palavras de Cecília, que poeticamente dizia: “A noção ou sentimento da transitoriedade de tudo é o fundamento da minha personalidade.”

E esse sentimento do transitório é também percebido no poema. abaixo:

“És precária e veloz, Felicidade.
Custas a vir, e, quando vens, não te demoras.
Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo,
e, para te medir, se inventaram as horas.

Felicidade, és coisa estranha e dolorosa.
Fizeste para sempre a vida ficar triste:
Porque um dia se vê que as horas todas passam,
E um tempo, despovoado e profundo, persiste.

Sobre o fazer poético de Cecília Meireles, dizem os seguintes ensaístas:

Cecília Meireles apresenta a poesia como solução de sua problemática existencial. Tudo isso significa que apenas a poesia pode captar a essência profunda das coisas, eternizando a beleza transitória de momentos fugidos da existência. Na dúvida da eternidade em relação às coisas que faz, ou no propósito de reter os sentidos transcendentes das coisas fugidias, tornando eterno o que é efêmero, a Poeta empenhou-se em atingir – e atingiu – a perfeição poética. Estava sempre em busca. E, em busca, partiu. Poeticamente, perfeita. E assim, perfeita, sua arte poética. . . Circula no ar, para sempre”. (Rocha, 1999).

“Um dos traços que a consagram é a habilidade de poeta, seja em versos regulares, seja em versos livres – os que não obedecem às regras de acentuação métrica.”, é o que aponta Manoel Bandeira na **Apresentação da Poesia Brasileira**:

O que logo chama a atenção nos poemas de Cecília Meireles é a extraordinária arte com que estão realizados.” Nos seus versos se verifica, mais uma vez, que nunca o esmero da técnica, entendida como informadora e não simples decoradora da substância, prejudicou a mensagem de um poeta. Sente-se que Cecília Meireles está sempre empenhada em atingir a perfeição, valendo-se para isso de todos os recursos tradicionais ou novos. (Bandeira).

Temas e procedimentos derivam da visão de mundo exposta por Cecília Meireles, em entrevista à Manchete:

A noção ou sentimento da transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo de minha personalidade”. A consciência de que a vida é fugaz e passageira conduz a poetisa à descrição do real, captado através de impressões sensoriais. Outras vezes leva-a a questionar o plano material do mundo, ansiando, misticamente, por outro tipo de realidade, perene

e imutável, ou ainda, a refugiar-se no tempo subjetivo do sonho, da evasão. Em suma, a poesia ceciliana polariza-se entre o efêmero e o eterno (Goldstein e Barbosa).

Neste pequeno e profundo poema, constata-se mais uma vez a presença da fugacidade da vida e de tudo o que há no mundo. Até a felicidade, um elemento tão abstrato, se rende aos mecanismos temporais do mundo. Cecília faz um alerta, ao dizer que as horas passam e com elas vão-se os momentos, vai-se a vida.

Assim como Cecília Meireles, e Florbela Espanca também compartilha o sentimento de efemeridade, do passageiro.

A obra de Florbela é a expressão poética de um caso humano. Decerto para infelicidade de sua vida terrena, mas glória de seu nome e glória da poesia portuguesa, Florbela viveu a fundo esses estados, quer de depressão, quer de exaltação, quer de concentração em si mesma, quer de dispersão em tudo, que, na sua poesia, atinge tão vibrante expressão. Mulheres com talento vocabular e métrico para talharem um soneto como quem talha um vestido. Ou bordarem imagens como quem borda miçanga; ou (o que é ainda menos agradável) se dilataram em ondas de verbalismo como quem se

espreguiça por nada ter o que fazer, que dizer naturalmente as houve, e há antes e depois da vida de Florbela. (1894 - . . .) Também, decerto, apareceram na nossa poesia autênticas poetisas antes e depois de Florbela. Nenhuma, porém, até hoje, viveu tão a sério um caso excepcional e, ao mesmo tempo, tão significativamente humano. Jorge de Sena dirá: tão expressivamente feminino”. (Régio, 1981).

Aqui se encontra mais um belo poema de Florbela Espanca. Ei-lo:

Amar !

Eu quero amar, amar perdidamente !
Amar só por amar: Aqui . . . além . . .
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente . . .
Amar ! Amar ! E não amar ninguém !

Recordar ? Esquecer ? Indiferente ! . . .
Prender ou desprender ? É mal ? É bem ?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente !

Há uma primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar !

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder . . . pra me encontrar . . .

Impossível ler Florbela Espanca sem reconhecer uma sua inquietação, uma sua insatisfação, que se vão manifestando como irremediáveis. Foi ao que chamei a

sua insaciabilidade. Também, lendo a sua poesia, se nos impõe esta impressão de não caber ela em si, de transbordar, digamos, dos limites de uma personalidade.

Mas voltemos atrás: ao tempo em que Florbela nascia, e nascia Mulher. Donde vinha, vindo a este mundo ! Mais tarde se revelará na sua poesia, como uma verdadeira intuição obsessiva e não capricho literário que também é, o pós-sentimento de ter vivido em outros mundos, em outras vidas, em outros países: de ter sido não só quaisquer das figuras romanescas sonhadas pela fantasia dos poetas ou vitalizadas pela história e a lenda.

Florbela Espanca faz questão de participar de uma literatura viva

Aquela em que o artista insultou a sua própria vida, e por isso mesmo passa a viver de sua própria. Sendo este artista um homem superior pela sensibilidade, pela inteligência e pela imaginação, a literatura viva que ele produza será superior; inacessível, portanto, às condições do tempo e do espaço. Ora não é verdade que perfeitamente se ajusta o essencial destes dizeres à obra de Florbela ?". Pois ela "nasce, vibra e se alimenta do seu muito real caso humano". (Régio, 1978).

Florbela vive em um mundo de silêncio. Utiliza-se de elementos da Natureza, aliando-se a eles, na tentativa de expressar através da Poesia seu canto. E é neste canto envolto no silêncio da dor que vive Florbela.

E são as dores de amor que fazem com que ela produza seus versos. Através de grandes insatisfações, decepções, mágoas, Florbela recebeu a sinfonia que precisava para escrever. Nota por nota, uma melodia ritmada pelo desejo constante do amor absoluto.

São os devaneios amorosos que fazem com que a Poeta ultrapasse a fronteira do real e da Vida, como forma de exteriorizar a dor de seu ser atormentado. E é esta mesma dor que a faz mulher, valorizando sua sensibilidade, suas emoções. Representa, assim, um supremo bem: é a força produtiva de suas poesias.

O choro vem perto dos olhos
para que a dor transborde e caia.
O choro vem quase chorando
como a onda que toca na praia.

Descem dos céus ordens augustas
E o mar chama a onda para o centro,
O choro foge dos vestígios,
mas levando náufragos dentro.

Cecília Meireles

O Tempo sempre esteve presente na poesia de Cecília Meireles e Florbela Espanca. As Poetas buscam em cada momento uma lição de vida. Observam o mundo tecendo-o com suas palavras a maneira como e vêm. Tanto Cecília quanto Florbela, apresentam uma doce maneira de nos mostrar sua feminilidade, “a maneira doce que fizeram da Poesia um ato de amor”. (Rocha, 1978).

Em muitos poemas de Cecília, a presença do mar e das águas, ampliada pelos vocábulos náuticos, já delineia itinerários do viajante e adquire o estatuto que garantirá sua permanência nas obras posteriores. O poema “Noções”, por exemplo, revela a força da imagem marítima enquanto mediadora da revelação das inquietudes do Eu frente adualismos como eterno / efêmero, corpo / alma, uno / múltiplo, simbolizando a própria trajetória da vida. Eis o poema :

Entre mim e mim, há vastidões bastantes
Para a navegação dos meus desejos afligidos.

Descem pela água minhas naves vestidas de espelho.
Cada lâmina arrisca um olhar, e investiga o elemento que o atinge.

Mas, nesta aventura do sonho exposto à correnteza,
Só recolho o gosto infinito das respostas que não se encontram.

Virei-me sobre minha própria existência, e contemplei-a
Minha virtude era esta errância por mares contraditórios,
E este abandono para além da felicidade e da beleza.

Ó meu Deus, isto é a minha alma:
Qualquer coisa que flutua sobre este corpo efêmero e precário,
Como o vento largo do oceano sobre a areia passiva e inúmera.

Cecília utiliza-se de vocábulos náuticos, como analogia aos mergulhos que cada homem faz ao seu próprio interior, buscando, assim, uma razão para o seu próprio existir. A Poeta nos leva, em cada poema, a grandes e profundas reflexões sobre a condição existencial do ser humano.

A poesia lírica de Cecília exprime um estado íntimo do artista com a mensagem poética. Ela transformou suas palavras em canto. Um doce e sincronizado canto que até hoje, venceu as barreiras do Tempo e fez-se eterno.

A Poeta modernista Cecília Meireles tem um estilo voltado para a simplicidade e leveza de escrever. Os seus poemas, de forma geral, não tem idade, encantam todos.

Assim, nas viagens a instâncias metafísicas, o “mar” e a “noite são, na poesia cecilianiana, símbolos eleitos para expressão e nomeação do incognoscível, da sobre-humana vida que o sujeito lírico intui; eufemizando o absurdo da morte e concebendo esse destino inevitável como uma transmutação em outra forma de ser, própria da condição supra-sensorial. No desenvolvimento do tema a dimensões transcendentais, o símbolo revela-se mediador do significado da “impossibilidade do signo exprimir” indagações e respostas sobre o sentido da vida a “face à inelutável instância da temporalidade e da morte.(<http://victorian.fortunecity.com/statue/44/aviagemmetafisicanapoesia.htm>).

Florbela também usou de suas palavras para cantar e encantar os homens. Ela diz em seu poema “A minha piedade”:

Tenho pena de tudo quanto lida
Neste mundo, de tudo quanto sente,
Daquele a quem mentiram, de quem mente,
Dos que andam pés descalços pela vida,

Da rocha altiva, sobre o monte erguida,
Olhando os céus ignotos frente a frente,
Dos que não são iguais à outra gente,
E dos que se ensangüentam na subida !

Tenho pena de min . . . pena de ti . . .
De não beijar o riso duma estrela . . .
Pena dessa má hora em que nasci . . .

De não ter asas para ir ver o céu . . .
De não ser Esta . . . a Outra . . . e mais Aquela . . .
De ter vivido e não ter sido Eu . . .

As palavras de um artista são influenciadas por sua própria vida. Florbela deu tom de melodia a todas as suas confissões. Ela viveu o que disse em cada verso. Sentiu o que está exprimido em cada poesia. Ela é o símbolo de um real caso humano. Ela soube transpor sua vida para a poesia.

Os poemas de Florbela e de Cecília mostram que mundo se reflete no eu lírico.

Cecília Meireles e Florbela Espanca ainda cantam uma doce e eterna cantiga amorosa e humana. Suas vozes ficaram para sempre pairando soltas no ar.

Eternas as suas melodias. Eternos os seus poemas.

CONCLUSÃO

O presente trabalho tem por fim proceder a uma abordagem comparativa das vozes poéticas de duas grandes presenças no mundo literário do Brasil e de Portugal.

Cecília Benevides de Carvalho Meireles e Florbela de Alma da Conceição Espanca tornaram-se a maior expressão literária da Literatura Brasileira e Portuguesa. Souberam viver e cantar cada minuto de suas existências. Abriam suas vidas, apresentaram ao mundo suas dores, suas perdas, suas angústias existenciais .

Seus poemas refletem suas vidas. O destino de duas mulheres que trilharam caminhos diferentes mas, buscaram um mesmo ideal: a constante luta por uma realização pessoal.

As Poetas abordaram vários temas, que foram tecidos com o mais puro fio poético. Através de uma harmoniosa melodia, cantaram os homens com suas limitações, suas inconstâncias e cantaram o Tempo, o maior de seus fundamentos, mostrando que tudo passa, a vida é efêmera, fugaz.

Cecília Meireles e Florbela Espanca tornaram-se atemporais pela força e supremacia de suas mensagens. Cada poema representa a busca constante de uma satisfação plena da existência humana. Demonstraram, por meio de elementos da Natureza, que o tempo tudo corrói, nada permanece para sempre, “até as pedras, com o tempo, mudam”. “Apenas a poesia pode captar a essência profunda das coisas, eternizando a beleza transitória de momentos fugidos da existência”.

Elas passaram, seus tempos foram outros. Mesmo assim, suas poesias foram construídas sobre a mais pura pedra: a palavra. E eternizaram-se no tempo, ultrapassaram as barreiras do transitório.

Eternizaram-se e permanecem no ar.

Referências Bibliográficas

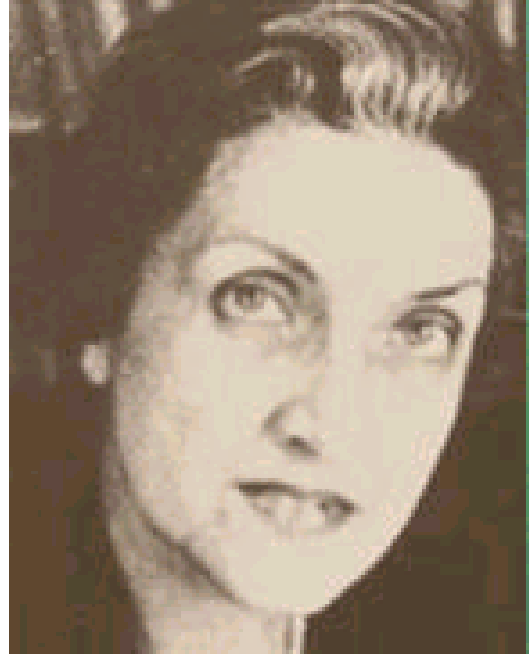
1. AMORAS, A SOARES. **A Presença da Literatura Portuguesa**. 1969;
2. ANDRADE, Mário de. **Aspectos da Literatura Brasileira**. s.d.;
3. FARACO, Sérgio et al. s. referência;
4. FARRA, Maria Lúcia Dall. **Veredas I**. s.l., s. ed., 1998
5. GOLDSTEIN, Norma Seltzer et al. s.d., s.l;
6. LAMEGO, Valéria. **Estado de São Paulo**. 1996;
7. LUFT, Celso Pedro. s. referência;;
8. MEIRELES, Cecília. **Valsa – Obra Poética**. Rio de Janeiro, Aguilar, p. 528;
9. NUNES, Benedito. **O Tempo na Narrativa**. São Paulo, Ática;1995,
10. **Para Gostar de Ler**. Volume VI – Poesias;
11. ROCHA, Nelly Cecília Paiva Barreto. **Poeta**. Rio de Janeiro, s.d.;
12. Idem.. **O Caminho do Tempo**. Universidade Federal do Pará, 1978;
13. Idem. **Asas da Palavra**. 1999, V.10;
14. RÉGIO, José. **Sonetos de Florbela Espanca**. 19ª edição completa, Portugal, 1981;
15. Idem. **Sonetos**. 31ª edição, Viseu, Bertrand Editora, 1978.
16. SAGRADA BÍBLIA. I CORÍNTIOS 13;

- 1 ([HTTP://www.SECREL.COM.BR/POESIA/GERAN 05.HTML](http://www.SECREL.COM.BR/POESIA/GERAN_05.HTML)).
- 2 ([HTTP://Victorian.fortunecity.com/statue/44](http://Victorian.fortunecity.com/statue/44))avuagem
metafisicanapoena.htm).
- 3 <http://Victorian.fortunecity.com/statue/44/florbelaespanca>.
- 4 Ana Cristina César – [http://www.Tvcultura.com
br/abescola/literatura/cecilia/cecilia.htm](http://www.Tvcultura.com.br/abescola/literatura/cecilia/cecilia.htm).’

ANEXOS



Florbela de Alma da Conceição Espanca



Cecília Benevides de Carvalho Meireles